

O Doutor Benignus: a origem do homem na concepção de natureza de Augusto Emílio Zaluar

O Doutor Benignus: the origin of man in the conception of nature, by Augusto Emílio Zaluar

RICARDO WAIZBORT

Instituto Oswaldo Cruz | Fiocruz

RESUMO O objetivo deste trabalho é apresentar o lugar destinado à espécie humana, na concepção de natureza contida no romance *O Doutor Benignus*. Mais especificamente, busco mostrar como o referido romance de Zaluar entende a espécie humana como “produto da seleção natural de Darwin”. As referências que Zaluar faz ao darwinismo, contudo, se distanciam em muito do uso que Darwin fez do sistema epistemológico que inventou, e que levou à descoberta de certos mecanismos naturais, em especial a seleção natural. Zaluar faz parte de uma geração, conhecida como geração de 1870, em um momento em que o país passava por grandes transformações sociais, culturais e econômicas. Indivíduos dessa geração compartilhavam experiências e enfrentavam desafios análogos, e puderam, em conjunto, dar voz aos seus anseios. Para que essa ação tivesse efeito, os integrantes do movimento utilizaram-se das novas perspectivas intelectuais vindas da Europa como repertório de ação política. O repertório consistia num conjunto de padrões analíticos, conceitos, teorias, formas estilísticas de linguagem, entre outras coisas. Uma dessas teorias é justamente a teoria da evolução e suas implicações para o entendimento da origem e transformação da espécie humana em sua história sobre a Terra.

Palavras-chave História do evolucionismo – literatura brasileira – seleção natural – origem do homem – raça.

ABSTRACT *The aim of this paper is to present the place addressed for human species, in the concept of nature presented in the novel Dr. Benignus. More specifically, I seek to show in this novel, how Zaluar understands the human species as a “product of Darwinian natural selection.” The references to Darwinism made by Zaluar, however, are greatly distant from the use that Darwin made of the epistemological system he created, that also led to the discovery of certain natural mechanisms, in particular, the natural selection. Zaluar is part of a generation known as the 1870’s Generation, at a time when the country was undergoing major social, cultural and economic changes. Individuals of this generation shared similar experiences and faced challenges that could together give voice to their concerns. For effectiveness of this action, members of the movement made use of the new intellectual perspectives from Europe as a repertoire of political action. The repertoire consisted of a set of analytical standards, concepts, theories stylistic forms of language, among other things. One of these theories is precisely the theory of evolution and its implications for understanding the origin and transformation of the human species in its history on earth.*

Keywords *History of evolutionism – Brazilian literature – natural selection – origin of man – race.*

Introdução

Em 1875, o médico Augusto Cesar de Miranda Azevedo, em uma das *Conferências Populares da Freguesia da Glória*, defendeu que o darwinismo era necessário para explicar o lugar superior do homem na natureza e na escala dos seres.¹ No mesmo ano, Domingos Guedes Cabral, também médico, baiano, viu sua tese de doutorado, *Funções do cérebro*, ser recusada, fato inédito na Faculdade de Medicina da Bahia, por defender posições claramente materialistas e darwinistas, dentre as quais a ideia de que o cérebro humano era o cume de um processo progressivo de evolução.² Um ano mais tarde a tese apareceria sob a forma de livro. Ainda em 1875, Augusto Emílio Zaluar publicou *O Doutor Benignus*,³ romance que é considerado a primeira obra de ficção científica do país, com explícitas referências a Darwin, à teoria da evolução e ao lugar reservado à espécie humana no cenário natural brasileiro.⁴

Durante o período em que viveram Miranda Azevedo, Guedes Cabral e Zaluar, o Brasil passava por grandes transformações sociais, culturais e econômicas. Monarquia, escravidão, economia baseada em trabalho escravo e diversas estruturas da sociedade imperial começavam a ser questionadas. Ao mesmo tempo emergia um novo movimento intelectual que se relacionava justamente com a referida crise pela qual passava o Império. Tal fenômeno ocorreu pela incapacidade de as instituições políticas darem respostas aos anseios de grupos da própria comunidade política. Essa incapacidade gerou a crise que permitiu a “expansão da ‘estrutura de oportunidades políticas’”.⁵ Assim, indivíduos que compartilhavam experiências e enfrentavam desafios análogos, podiam, em conjunto, dar voz aos seus anseios e ter a possibilidade de serem ouvidos. Para que essa ação tivesse efeito, os integrantes do movimento utilizaram-se das novas perspectivas intelectuais vindas da Europa como repertório de ação política. O repertório consistia num conjunto de padrões analíticos, conceitos, teorias, formas estilísticas de linguagem, entre outras coisas. Seria uma espécie de “caixa de ferramentas”,⁶ utilizada de forma seletiva pelos atores. O grupo de atores que usaram tais ferramentas, nesse período, passou a ser conhecido como “geração de 1870”. Entre essas ferramentas estavam o evolucionismo e o darwinismo.⁷

O objetivo deste trabalho é apresentar o lugar destinado à espécie humana na concepção de natureza contida no romance *O Doutor Benignus*. Mais especificamente, busco mostrar como o referido romance de Zaluar entende a espécie humana como “produto da seleção natural de Darwin”.⁸ As referências que Zaluar faz ao darwinismo, contudo, se distanciam em muito do uso que Darwin fez do sistema epistemológico que inventou e que levou à descoberta de certos mecanismos naturais, em especial a seleção natural. Não é meu objetivo, todavia, tentar mostrar que o uso que Zaluar fez do darwinismo não se encaixa no uso que cientistas europeus, como Wallace, Huxley, Spencer, Haeckel e o próprio Darwin fizeram dele. Também o entendimento que esses autores tiveram do darwinismo não é coincidente.⁹ Não é o caso de perguntar se Zaluar conhecia de fato o que é o darwinismo. Antes, trata-se de perguntar como ele representou o processo da evolução em seus textos, mais especificamente, como ele concebeu a evolução da espécie humana como um processo natural. Veremos que, embora ele tenha de fato expressado uma compreensão superficial do mecanismo proposto pelo naturalista inglês, o romance pode ter contribuído primeiro para romper o silêncio que durante quase dezesseis anos espaçam a publicação de *A origem das espécies*,¹⁰ de 1859, e o ano que tomamos como base, 1875; depois: para tornar públicas ideias contidas no livro, constituindo-se assim como fonte de informação que acabaria por alimentar vários ideais da elite brasileira, entre elas a república e o fim do regime escravocrata.

Gostaria de destacar que não é a apropriação das ideias de Darwin que iremos investigar no texto de Zaluar, e sim como o autor brasileiro empregou ideias, cujas fontes precisam ser mais bem estudadas, que ele assumiu como sendo de Darwin. Assim, não pretendo cotejar o que Darwin escreveu sobre evolução, evolução humana, seleção natural e moralidade com as referências a Darwin ou à evolução (humana) na obra de Zaluar. Vou usar certos trechos de Darwin apenas para caracterizar o tratamento populacional e seletivo que ele deu ao problema da evolução.

O eclipse de *O Doutor Benignus*

Tanto no caso de Miranda Azevedo quanto no de Guedes Cabral, o intuito do uso do darwinismo parece ser o de legitimação da teoria apresentada e sua aplicação ao cenário nacional.¹¹ Ambos veem implicações práticas e imediatas da teoria da evolução para a vida humana e para o homem brasileiro. No romance de Zaluar, também, o “darwinismo” que aparece na primeira página, e reaparece algumas vezes depois explícita e implicitamente, reflete a preocupação em incorporar o que há de mais novo na ciência. Mas o texto aqui é de natureza muito distinta do que os daqueles dois médicos (Azedo e Cabral): o texto de Azevedo, a transcrição da palestra proferida nas Conferências da Glória, em 1875, é uma espécie de panfleto a favor do darwinismo, um resumo do sistema evolutivo de Haeckel;¹² o livro de Guedes Cabral é uma tese de doutorado que incorpora preceitos evolucionistas e darwinistas, apoiados também nas autoridades de Haeckel e de neurologistas europeus como Broca e Florens, entre muitos outros cientistas. Já o livro de Emílio Zaluar é um romance que narra as aventuras de um sábio homem de ciência, um tanto casmurro e de um profundo conhecimento científico. Os três textos têm um sabor enciclopédico, no sentido em que eles se referem e procuram se apoiar em uma grande variedade de cientistas de tradições europeias.

O Doutor Benignus, publicado em 1875 por *O Globo*, em fascículos, relata as aventuras do personagem-título que se embrenha nas matas de Minas Gerais e de Goiás à procura, dentre outras coisas, de indícios da habitabilidade dos mundos, ou seja, ele tenta provar que outros mundos, além da Terra, são povoados por outros seres vivos, quiçá mais inteligentes que o próprio homem. *O Dr. Benignus* não é uma obra naturalista ou realista. No Brasil, a historiografia literária concorda que o primeiro texto naturalista foi *O mulato*, escrito por Alúcio Azevedo e publicado em 1881.¹³ *O Dr. Benignus* é considerado pelo próprio Zaluar o “primeiro ensaio do romance científico”¹⁴ sob a forma de uma “digressão humorística”,¹⁵ nas palavras que ele mesmo dedica “ao leitor” antes do início do romance propriamente dito. Os modelos de Zaluar são: Júlio Verne, de *Viagem ao redor da Lua*, de 1870, ou *Cinco semanas em um balão*, de 1863; e, principalmente, Camille Flammarion, astrônomo francês (1842-1925), que publicou, entre outros, o livro *A pluralidade dos mundos habitados*, referido explicitamente nas páginas do nosso romance.

62

Nenhuma obra de história geral de literatura brasileira sequer faz referência a *O Doutor Benignus*.¹⁶ Esteticamente falando, esse destino parece justo. O esquecimento da obra é o resultado de sua estrutura tosca, do ponto de vista narrativo, embora haja no decorrer de seu curso passagens de tonalidades bastante românticas que não deixam de ter seu valor, sobretudo na descrição da fauna, da flora e da geografia brasileiras. Todavia, se a construção ficcional é até certo ponto engenhosa, o enredo é incapaz de prender a atenção do leitor, ao contrário do que afirma o historiador José Murilo de Carvalho, em um dos textos que precedem o romance.¹⁷ Também não é possível concordar com Carvalho quando ele afirma que a “ficção brasileira da época deixava muito a desejar”.¹⁸ Em 1875, quando *O Doutor Benignus* foi publicado, romances como *Memórias de um sargento de milícias* (1854), *A luneta mágica* (1869) e *O Guarani* (1857) já tinham vindo à luz. *A mão e a luva* é de 1874, e *Senhora* de 1875. Cito romances de estilos e períodos diferentes lado a lado, apenas para mostrar que, àquela altura, a ficção brasileira não “deixava a desejar” tanto assim, e que se a estrutura picaresca de *O Dr. Benignus* não foi suficiente para garantir o nome de seu autor nos compêndios de história da literatura, é justamente porque, como literatura, o texto realmente é fraco e enfadonho. Sua composição didática e pedagógica atravanca com informações desnecessárias o rumo da narrativa, que jamais consegue prender o leitor em sua pobre trama. Os personagens praticamente não têm qualquer profundidade psicológica e o próprio enredo, cheio de surpresas *ex machina*, não chega a ter força para criar uma expectativa de resolução que prenda o leitor moderno. A recepção do romance ainda não foi estudada seriamente, mas ao que tudo indica o livro não causou grandes impactos. Criado para ser de certa forma engraçado ou divertido, os motivos do personagem-título são tão elevados e puros que não sobra espaço sequer para aquele distanciamento saudável entre a linguagem e seu objeto. Ainda mais que a força da ciência é de certa forma a emanção da força de Deus. “Deus!” é o nome de um dos capítulos do romance.

Nas últimas décadas, todavia, alguns poucos escritos fizeram referência ao romance, talvez em decorrência da feliz iniciativa da editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de publicar o livro, em 1994. Uma dissertação

de mestrado,¹⁹ transformada depois em livro;²⁰ cerca de oito páginas no livro de Roberto Causo;²¹ além de dois textos que antecedem o romance *O Doutor Benignus*, um de Carvalho²² e outro de Carneiro,²³ e um que sucede ao próprio romance, é toda sua fortuna crítica. Como afirmei acima, para um estudioso de literatura a obra não desperta grandes interesses, mas para uma pessoa envolvida com as formas pelas quais a ciência europeia foi interpretada no Brasil em fins do século XIX, *O Doutor Benignus* pode ser considerado uma preciosidade, pois de certa forma dá acesso a uma mentalidade que compreendeu o darwinismo e a origem do homem de uma forma particular, uma forma que irá ser replicada por todo o final do século XIX e por boa parte do século XX.

O homem e a seleção natural de Darwin

O livro tem trinta e sete capítulos. A expedição pelo interior do país só começa no capítulo XI. Até lá a grande maioria dos personagens nos será apresentada. O perfil de Benignus é o de um antiquado cientista bem formado e bem-intencionado, que se retira do convívio de seus semelhantes para se embrenhar no meio da natureza selvagem em busca de respostas para a vida humana. Ele acredita piamente no valor de uma verdade científica que levaria o homem inexoravelmente a evoluir e a se aperfeiçoar. Evolução, aperfeiçoamento e progresso são temas candentes no século XIX, sobretudo nas últimas décadas. E a ciência é vista como a instituição humana privilegiada para alçar a espécie humana para além dos limites impostos pela natureza bruta. Benignus passou a sua vida investigando a natureza e nós o conhecemos no primeiro capítulo, apresentado por um sujeito que narra em terceira pessoa, como que de cima, como um relator objetivo de episódios cujo significado ele conhece na totalidade:

O Dr. Benignus era um homem que se podia chamar de verdadeiro sábio.

Estudou até os cinquenta e dous anos, que tinha de idade ao travarmos conhecimento com ele, a ciência de Deus, a ciência da natureza e a ciência dos homens.

Chegou em seu espírito relativo a formar ideia mais ou menos clara do absoluto da divindade: observando a natureza, concebeu a grandeza das leis universais, que regem e transformam eternamente a matéria; mas quanto aos homens, nunca pôde compreender, e foi este um dos problemas cuja solução morreu sem encontrar.²⁴

Desde o início, portanto, a questão humana está no foco das preocupações do personagem. E é um problema para o qual ele não achou solução, apesar de procurá-la com perseverança. Zaluar caracteriza Benignus como um homem que tentou se adaptar à vida social. Seus estudos sobre o problema do homem foram iniciados no seio da própria sociedade brasileira:

E no entanto o Dr. Benignus não procurava, como Diógenes, na praça de Atenas, o homem isolado, o homem exceção, o homem moral verdadeiro produto da seleção de Darwin, não levava o seu humor sarcástico a ponto de interromper as lições de Platão com uma facécia de mau gosto; não, o Dr. Benignus vivia no meio da sociedade de seu tempo, era casado, tinha três filhos e cada filho dous padrinhos, um de cada sexo, o que formava um todo de seis compadres; e morava em uma linda casinha nos arrabaldes da cidade, e cuja horta era o mercado gratuito da vizinhança.²⁵

Mas quem ou o quê seria “o homem moral verdadeiro produto da seleção de Darwin”? No capítulo 3 de *A origem do homem e a seleção sexual*, publicado em 1871, Darwin define o que é um ser moral (note-se que essa definição se dá no seio de uma obra marcada pela apresentação e discussão, à luz da teoria da evolução por seleção natural, de inúmeros comportamentos animais):

Um ser moral é aquele capaz de comparar suas ações e motivações passadas e futuras, e de aprová-las ou desaprová-las. Não temos razão de supor que alguns dos animais inferiores possuam essa capacidade; por conseguinte, quando um macaco enfrenta o perigo para salvar seus camaradas, ou toma conta de um macaquinho órfão, não classificamos essa conduta de moral. Todavia, no caso do homem, único animal que pode sem hesitação ser classificado na categoria de um ser moral, certo tipo de ação serão sempre chamadas de morais, desde que realizadas deliberadamente após um conflito interno entre motivos contrários, ou decorrente dos efeitos de hábitos adquiridos lentamente, ou executada impulsivamente por instinto.²⁶

Zaluar parece dizer então que Benignus não era motivado, a princípio, a procurar esse homem capaz de comparar suas ações e motivações passadas e futuras, e de aprová-las ou desaprová-las. Mas ele próprio, no decorrer da aventura, se mostra como esse próprio homem que realizará uma ação, no caso, como veremos, abandonar o seio da civilização em busca da descoberta de seres mais nobres. Zaluar toma essa decisão deliberadamente após um “conflito interno entre motivos contrários” a que alude Darwin.

Zaluar foi o editor de um famoso jornal na década de 1870, *O Vulgarizador*.²⁷ Nele, em alguns artigos, apresentou e defendeu claramente seu conceito de darwinismo e evolução contra doutrinas abertamente religiosas. A ciência, nesse caso a teoria da evolução, é o baluarte da civilidade. É a partir de nossa aceitação e utilização da teoria que se civilizará o bárbaro, que trará a cultura ao selvagem, que se domará a terra, as águas, os céus, os bichos e as plantas. Mais uma vez, não é o caso aqui de cotejar o que diz Zaluar com o que supostamente seria a concepção de homem moral de Darwin. O que nos importa é como Zaluar, no início de seu romance, associa não só *supostas* ideias darwinistas com a moralidade como não se furta a relacionar a ciência do homem e da natureza com a ciência de Deus, produzindo uma visão de evolucionismo que foi comum, por exemplo, na própria Inglaterra de Darwin.²⁸

Uma das características de *O Doutor Benignus* que salta à vista é a preocupação em caracterizar o Brasil como um território cuja natureza é rica e exuberante. Em 1871, Machado de Assis publicou um curto ensaio que passou a ser conhecido como “Instinto de nacionalidade”, no qual o bruxo do Cosme Velho critica a inclinação de escritores brasileiros de sua época por acreditarem que a boa literatura de um país depende de uma minuciosa descrição de suas características naturais e humanas, da reprodução de sua cor local:

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, os convida a natureza americana cuja magnificência e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores. O romance, sobretudo, apoderou-se de todos esses elementos de invenção, a que devemos, entre outros, os livros dos Srs. Bernardo Guimarães, que brilhante e ingenuamente nos pinta os costumes da região em que nasceu, J. de Alencar, Macedo, Sílvio Dinarte Escragnolle Taunay, Franklin Távora, e alguns mais. Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. Gonçalves Dias por exemplo, com poesias próprias, seria admitido no panteão nacional; se excetuarmos Os Timbiras, os outros poemas americanos e certo número de composições, pertencem os seus versos pelo assunto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, entusiasmos, fraquezas e dores geralmente cantam; e excluo daí as belas Sextilhas de Frei Antão, que essas pertencem unicamente à literatura portuguesa, não só pelo assunto que o poeta extraiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estilo que ele habilmente fez antiquado.²⁹

Sob essa ótica, *O Doutor Benignus* representa justamente a espécie de literatura que Machado de Assis procurara combater.

De forma ainda mais nacionalista, Zaluar representará o Brasil como o local onde a espécie humana evoluiu. Todavia, há várias formas de se apropriar e quiçá usar a teoria da evolução e o darwinismo. Qualquer interpretação cientificamente válida deve postular um mecanismo pelo qual o processo de modificação das espécies ocorreu. No darwinismo esse

mecanismo é a seleção natural. Há formas de evolucionismo que não postulam que a seleção natural é o mecanismo pelo qual a evolução ocorre. Fazer menção à seleção natural, como no caso de *O Doutor Benignus*, também não significa uma apreensão do mecanismo evolutivo com um viés darwinista. Tanto que, desde o início, o romance em questão, como ressaltado acima, faz conviver tais ideias aparentemente materialistas com a ação de forças sobrenaturais de origem divina. Afinal, Zaluar não é um biólogo naturalista, embora seu personagem seja pintado como tal.

De uma forma geral, compreender a evolução por seleção natural significa compreender que o processo de transformação das espécies é um fenômeno que não acontece no nível dos indivíduos, mas das populações, e que o mecanismo da seleção natural não é um processo aleatório, nem determinístico, mas semiestocástico. Isso quer dizer que a diversificação das espécies e a adaptação delas ao ambiente não acontecem por acaso. Embora o acaso seja um elemento essencial do processo evolutivo, por acaso nada se cria. Costuma-se dizer, hoje, que o processo da evolução por seleção natural é um processo em dois tempos: 1) Variação: Manifestação natural de diferenças herdáveis de estrutura e comportamento entre indivíduos de uma *mesma* espécie. O público em geral quando pensa na luta pela vida costuma pensar na luta do lobo com o cordeiro, do gato com o rato. Na verdade, a disputa darwiniana diz respeito à luta de um indivíduo com outros indivíduos da espécie a que ele pertence: “A luta quase invariavelmente será mais severa quando travada entre indivíduos da mesma espécie, uma vez que eles frequentam as mesmas regiões, comem os mesmos alimentos e são expostos aos mesmos perigos”;³⁰ 2) Seleção: dentre os diferentes indivíduos de uma mesma população (de uma mesma espécie e variedade, por causa de limitações dos recursos ambientais, as variantes que conseguem melhor desempenho no ambiente em que se encontram tendem a prosperar, enquanto as outras tendem a desaparecer:

Ninguém pode, de forma alguma, supor que todos os indivíduos da mesma espécie sejam fundidos no mesmo molde. Estas diferenças individuais têm para nós a mais alta importância, porque como cada um pode observar, transmitem-se muitas vezes por hereditariedade; demais, fornecem também materiais sobre os quais pode atuar a seleção natural acumulando da mesma maneira que o homem acumula, numa direção dada, as diferenças individuais destes produtos domésticos.³¹

65

De fato, Darwin não falou explicitamente que a evolução era um processo semiestocástico. *A origem das espécies*, como se sabe, começa expondo a grande diversidade e variedades individuais de plantas e animais domesticados pelo homem. Trigo, coelho, banana, pato, pera, doninha, dália, vaca, gerânio, cabra, cardo, carneiro, groselha, porco, morango, cão, uva, gato, rosa, cavalo, repolho, galinha, capim etc. Os dois capítulos iniciais, então servem de base para explicar como variações individuais, encontradas na natureza, podem servir de base para o homem produzir variedades e espécies, a partir da seleção das variações individuais encontradas no estado selvagem:

Constitui o método em sempre cultivar a melhor variedade conhecida, disseminando suas sementes e, tão logo o acaso fizesse surgir alguma variedade melhor, selecioná-la – e assim se foi fazendo. Os plantadores da época clássica, embora se empenhassem em selecionar e cultivar seus melhores exemplares, jamais poderiam supor como se tornaria excelente o fruto que hoje degustamos. Quanto a nós, devemos nossas excelentes peras modernas à sua paciência em escolher e preservar as melhores variedades que porventura encontrassem.³²

Darwin está fazendo alusão a duas formas de seleção artificial: 1) a aleatória – dos plantadores da Antiguidade; 2) e a sistemática – dos ingleses (“nós”). Note-se que Darwin fala do “acaso” como fonte do aparecimento de “alguma variedade melhor”. Os plantadores da época clássica não praticavam uma seleção sistemática, mas chegaram a resultados bastante significativos. O uso do método de forma consciente, com o selecionador humano paciente em escolher e preservar as melhores variedades, leva a essa mudança (no caso, para melhor) do processo de escolha.

No estado da natureza o processo ocorre em um regime temporal muito mais longo. Em realidade, na natureza há uma feroz luta pela sobrevivência, sobretudo no interior das espécies. Nesse sentido, os processos naturais, que

regulam a existência das espécies de animais e plantas selvagens, têm um longo tempo a seu favor, permitindo que surjam ao acaso indivíduos variantes mais ajustados, adaptados, aos desafios da luta pela sobrevivência. Ernst Mayr, em seu enciclopédico *O desenvolvimento do pensamento biológico*, enfatiza a dificuldade de compreender todo esse processo que envolve variação individual dentro das populações, acaso e seleção:

*Muitos autores não conseguem entender bem a natureza populacional da seleção natural. Trata-se de um conceito estatístico. Possuir um genótipo superior não garante a sobrevivência e a reprodução abundante; apenas assegura uma probabilidade maior. Existem, na realidade, tantos acidentes, catástrofes e outras perturbações estocásticas, que o sucesso reprodutível não é automático. A seleção natural não é determinística, e por isso não é absolutamente previsível.*³³

Tudo isso é muito diferente do que se encontra em Zaluar. Mas meu ponto é que mesmo aqueles que sequer se aproximaram do núcleo epistemológico da teoria de Darwin, como é o caso de *O Doutor Benignus*, contribuíram para divulgar a teoria em questão. Os caminhos da História são às vezes obscuros. Pode-se imaginar que os leitores de Zaluar, durante as semanas em que o romance foi publicado, possam ter ouvido falar de Darwin pela primeira vez ali, e considerado a leitura do livro como ponte para outras leituras que envolviam a teoria da evolução.

Além disso, a teoria da evolução não deve ser considerada, epistemologicamente, como um bloco monolítico. Dissemos acima que o mecanismo da evolução é a seleção natural. Ernst Mayr considera que quem se refere à teoria da evolução sem ter em mente que ela é formada por uma rede de teorias interligadas corre o risco de se confundir, dada a sua complexidade. Embora Darwin jamais subdividisse sua teoria, Mayr sugere que para fins didáticos ela possa ser apresentada como uma rede de cinco teorias: 1) evolução como fato (a ideia de que espécies de seres vivos efetivamente se modificaram com o passar do tempo geológico); 2) origem comum (a ideia de que quaisquer dois indivíduos, de duas espécies quaisquer, e ao final e ao cabo, de todas as espécies, compartilham ancestrais comuns); 3) gradualismo (a ideia de que a mudança das espécies não é abrupta, mas sim lenta e gradual); 4) especiação populacional (a ideia de que a evolução e a formação de novas espécies (especiação) são processos que ocorrem no nível das populações e não no dos indivíduos); 5) seleção natural (a ideia de que o mecanismo causal que promove a mudança evolutiva, ao longo das gerações, é o processo da seleção natural das variáveis favoráveis, que leva à evolução de adaptações, e em casos especiais à especiação).³⁴

As ideias de evolução como fato e origem comum estão tão claramente presentes no romance de Zaluar quanto a ideia de escala. Temporalizar a escala natural (*scala naturae*) tentando indicar que as espécies se transformam fileticamente uma nas outras, formando uma extensa cadeia, foi uma forma de conciliar as ideias de evolução e perfectibilidade. Mas desde Darwin há uma maneira de compreender evolução que não implica necessariamente progresso ou melhora. Quando Darwin, em princípios da década de 1840, começou a estudar as cracas, não pôde encontrar machos e considerou que esse grupo fosse hermafrodita. Anos depois, ele descobriu que um pequeno apêndice, sempre identificado nas fêmeas, era na verdade um macho vestigial, um animal que se especializara tanto na reprodução que perdera todos os outros sistemas (nervoso, locomotor, digestivo etc.).³⁵ Todavia, esse também era um exemplo de evolução, embora seja difícil admitir aqui qualquer progressão, pois se trata de regressão. Mas regressão também deve ser entendida como mudança, portanto evolução. Como vemos, para Benignus, evolução é sinônimo de progresso, e essa equação resultará em uma específica forma de interpretar a origem e a evolução humanas.

Nas trevas do coração humano

Nos primeiros parágrafos do romance, o narrador declara que Benignus não tirava o próprio sustento, e o de sua família, do seu fazer científico, mas do “mercado gratuito da vizinhança”. Essa gratuidade, no entanto, tem um preço alto. Benignus sente que é visto com certa reserva pelos outros homens com quem convive, o que lhe causa uma

“triste solidão involuntária”, pois percebe que seus “compadres” tinham “medo que lhes viesse algum dia pedir alguma coisa”.³⁶ Benignus concebe então uma “teoria de perspectiva social”³⁷ que, associada a outros eventos, redundará na expedição científica ao interior do Brasil:

*Já que o coração humano não pode viver sem afeições, dizia o sábio, e visto que os amigos de perto são – além de perigosos, impossíveis, criemos amizades ao longe, interroguemos as almas e os espíritos daqueles a quem não vemos os rostos, amemos a distância, nas avenidas longínquas, assim como se adoram os astros e se conversa com as estrelas, com Sírio, com Venus, com Júpiter, com o Sol, nos confins poéticos e luminosos do horizonte.*³⁸

Não se pode deixar de sentir que Benignus é um tanto quixotesco, em sua luta contra a natureza egoísta do homem, ao dispor-se a abandonar o convívio social em nome de uma vida mais pura. Ele vai buscar antes de tudo vida inteligente em outros planetas, assim como o cavaleiro de triste figura luta contra os moinhos de vento. Para tanto, Benignus tenta decifrar as estrelas e outros astros celestes.

Zaluar representa Benignus como um homem de ciência, espécie de naturalista que, como foi dito, consagra a antiga astronomia e a então nascente biologia. A biologia àquele momento é a do naturalismo que se dividia entre a botânica e a zoologia, respectivamente o estudo da flora e da fauna de uma região, país ou continente. Assim, embora Benignus seja movido pelas estrelas, a origem do homem e dos outros animais é tema recorrente no romance. O naturalista é figurado também como um estudioso da nascente antropologia. A “digressão humorística” brinca com os limites do homem em compreender sua própria história:

*Quanto mais [o Dr. Benignus] estudava esse produto da época quaternária segundo uns, ou dos últimos períodos da época terciária, segundo outros, o homem – mais se convencia da verdade para ele inconcussa das conclusões científicas de Darwin e do materialismo de Büchner: o homem não é produto espontâneo da terra, é um aperfeiçoamento lógico na escala da criação, e por isso concluía com um grande filósofo alemão: - antes ser macaco aperfeiçoado, que Adão degenerado.*³⁹

67

O homem é um aperfeiçoamento lógico na escala da criação. O comprometimento com ideias transformistas é claro. O transformismo é uma espécie de evolucionismo. E o darwinismo é uma forma de evolucionismo cujo mecanismo da transformação das espécies ao longo do tempo geológico é a seleção natural. *O Doutor Benignus* é o primeiro romance brasileiro a fazer menção a Darwin e a tentar localizar a espécie humana em um processo de transformação que, a exemplo do que ocorre nos textos de Miranda Azevedo e Guedes Cabral, também atribui a certa raça humana, a branca, o ponto mais alto de uma *escala* evolutiva. Para Benignus, e também para Zaluar, essa escala ou cadeia é produto do Criador. A descoberta das Leis da Criação permite ao homem modificar a natureza no rumo certo do progresso e da civilização, como se verá ao final do romance. Mas esse seria o estado final do “homem exceção, o homem moral, verdadeiro produto da seleção de Darwin”.⁴⁰ Para Benignus, lembremos, o que é evidente, ao contrário, é o homem que prestes se destacou de um mundo bárbaro e brutal:

*Pois é crível que o ente humano, geralmente tão disforme e monstruoso, tanto no moral quanto no físico, seja feita à sua semelhança, seja a imagem, o transunto do Criador? Não acredito. O homem, pelo contrário, conserva bem distinta todas as marcas da sua procedência inferior. Não é na depressão da orelha, acusando a sua origem pontuda, nem tampouco no osso cóccix, prolongamento de vértebras abortadas, que o homem mostra ser o produto aperfeiçoado do reino animal; não, não é tampouco pela sua inteligência, porque hoje está provado que há menos diferença entre um chimpanzé e um negro do lago Alberto, que entre este e Newton ou Kepler; não, o que deixa fora de dúvida que o homem não é um ser perfeito, completo, a forma definitiva e grandiosa da criação, aquele que, depois de Deus, empunha o cetro do domínio universal, é o aborto, a monstruosidade do coração humano.*⁴¹

O homem não é produto espontâneo da terra, mas uma espécie aperfeiçoada a partir do mundo animal; ele não é “a forma definitiva e grandiosa da criação”. A Criação existe, Deus instituiu Suas leis. O homem pode até descobri-las, a partir do conhecimento que adquire do mundo, mas isso não alça nossa espécie ao topo da escala. O coração humano é monstruoso e logicamente deve haver formas menos imperfeitas, mais luminosas, a habitar o espaço infinito.

Benignus continua a acreditar em uma escala dos seres, só que agora são as espécies feitas de pura luz e de energia, que ele conjectura existir entre as estrelas, que são colocadas no ápice da escala material. O conhecimento da espécie humana sobre o mundo e sobre si mesmo está restrito pelos próprios limites, físicos e temporais, em investigar uma Obra tão prodigiosa, que abarca a vida em toda a sua amplitude:

Infelizmente, vivendo no meio de uma sociedade que lhe foi madrasta e o preteriu sempre nos acessos a que lhe dava direito o seu talento, conhecia de sobra os seus semelhantes, estudara bastante a espécie a que pertencia, e no fim de contas, remontando a mais altos raciocínios, investigou a origem das raças, comparou o homem primitivo com o homem contemporâneo e entre as hipóteses antropológicas de Darwin e as conclusões unitárias de Quatrefages achou um abismo que a ciência humana talvez nunca poderá nivelar. O aparecimento do homem sobre a terra, concluía ele, não é um teoria, é um mistério.⁴²

Talvez porque o aparecimento do homem seja um mistério, o próprio romance vai tematizar essa origem, sobretudo quando, supostamente, a expedição capitaneada por Benignus encontra fósseis humanos. Mas é o interesse de Benignus na questão das raças nos traz para o coração do problema. A percepção de que a espécie humana é composta por raças diferentes é muito antiga. Populações humanas que habitam territórios diferentes apresentam-se com diferenças que não é preciso enfatizar. A questão é como as raças se originaram, como adquiriram suas diferenças. À época de Zaluar nada mais natural do que decidir que a raça branca era superior a todas as outras. Hoje, seria politicamente e epistemologicamente incorreto afirmar isso.

68

As conclusões unitárias de Quatrefages nos remetem ao monismo de Haeckel, e à tese do autor alemão de que a evolução de Darwin é parte de um processo progressivo mais amplo, a qual estaria sujeita toda a matéria do universo, e não só as espécies de seres vivos. Na realidade, Quatrefages, naturalista e antropólogo francês, defendeu a teoria da unidade da espécie humana e ao mesmo tempo combateu as ideias transformistas de seu tempo, não acreditando que as espécies se modificavam.⁴³

De outra parte, as ideias e hipóteses evolutivas antropológicas de Darwin foram publicadas em 1871 e 1872, respectivamente nos livros, *A origem do homem e a seleção sexual*⁴⁴ e *A expressão das emoções no homem e nos animais*.⁴⁵ Lembramos que em *A origem das espécies*, de 1859, as referências à espécie humana são escassas, limitando-se a breves períodos frasais no capítulo IV sobre a seleção sexual como mecanismo para o surgimento de raças, e no capítulo final, em uma famosa passagem em que ele antevê importantes consequências da teoria da evolução para a psicologia e para o estudo da história. Segundo Desmond e More, na biografia intitulada *A causa sagrada de Darwin*, os livros de Darwin do início da década de 1870 não apresentavam novas evidências fósseis, nem discutia as então recentes descobertas dos primeiros fósseis verdadeiramente humanos, encontrados no vale de Neander, Alemanha, em 1856 e 1857.⁴⁶ Zaluar também não faz uso dessas informações, seja por desconhecimento, seja porque a ele interessava mais ressaltar a origem brasileira da espécie humana.

Tanto no caso de Miranda Azevedo e Guedes Cabral, o modelo parece ter sido Haeckel. Lembremos também que Haeckel publicou, e viu traduzida em várias línguas, sua obra de divulgação científica em 1868, *A história da criação natural*, seguida de seu influente livro, *Morfologia geral*, de 1866, ambos referidos elogiosamente por Darwin na introdução de *A origem do homem e a seleção sexual*. Para Haeckel não há dualismos. Só a matéria existe: o espírito, a mente, a subjetividade (o leitor moderno pode escolher o conceito de sua preferência) são apenas formas diferentes de manifestação material.⁴⁷ Em todo o processo a matéria evolui e se torna mais organizada, mais complexa, mais progressiva.

Benignus não se detém ante a constatação da inferioridade humana. Nos termos de uma teoria da evolução cósmica ele pretende descobrir formas superiores de vida, formas que estejam mais próximas da perfeição do Ser que as criou.

[Benignus] Voltou-se então para o céu e contemplou o espaço, deixou a vista e a inteligência mergulharem no infinito das regiões siderais, porque assim lhe parecia estar mais próximo do princípio absoluto, da unidade moral, de Deus.

Considerando na harmonia das esferas e nas leis imutáveis que regem a criação inteira, sujeita, como a ciência acredita, à transformação dos elementos, reproduzida sob formas eternamente variáveis, convenceu-se firmemente da plurabilidade e da habitabilidade dos mundos, que giram na amplidão celeste para realização dos fins imperscrutáveis do Criador.⁴⁸

Essa busca vai ser concretamente substanciada quando seu assistente científico Katini lhe traz uma folha de papel em que há o desenho de uma espécie de sol com olhos, narinas e boca, e a expressão “À Pora”⁴⁹ escrita abaixo da figura. Benignus, mais uma vez de forma grandiloquente, interpreta esse achado como forte indício de que o Sol é habitado por formas de vida com inteligência superior. Benignus por fim acaba tendo, em sonhos, um contato imediato com uma dessas criaturas luminosas próximas à divindade, o que confirma ainda mais sua teoria da habitabilidade dos mundos. Não é meu objetivo aqui dar a ver como Benignus caracteriza esse encontro com essa vida superior. Mas, contraste essa visão com a opinião negativa que Benignus tem da espécie da qual faz parte:

O Dr. Benignus estava realmente cansado do triste espetáculo que apresenta a nossa humanidade, que reputava ou ainda demasiado rude, ou já profundamente gasta. Depois de quatro mil anos, segundo a cronologia mosaica, as tradições históricas das raças humanas, não obstante os períodos brilhantes, mas irregulares de sua civilização, oferecem mesmo nas épocas do mais elevado desenvolvimento intelectual, aberrações monstruosas que nem a inteligência nem a razão podem justificar.⁵⁰

O hiato entre o elevado desenvolvimento intelectual de criaturas luminosas e as aberrações monstruosas do coração humano tem uma causa. Essa causa influencia sobretudo as diferenças que se observam entre os diferentes povos, as diferentes raças. E é ela quem determina se a população de um território logrará sucesso sobre os desafios da vida ou se será moldada indolente ante um ambiente degenerado:

O indivíduo, dizia ele [Benignus], sofre o influxo da área em que vive. Não é só o clima que influi sobre a atividade das raças, é antes de tudo o exemplo e o hábito. O homem ativo, no meio de um centro indolente, reage a princípio, mas vendo em torno de si arvorado o reinado da inércia, torna-se por fim também pusilânime e frouxo; o homem, pelo contrário, de natureza aparentemente menos vivaz, achando-se no meio de um centro trabalhador e enérgico, envergonha-se por fim de sua inutilidade, e vendo que só à custa do esforço pode viver, torna-se também empreendedor e diligente. Neste caso a fortuna de um indivíduo depende a maior parte das vezes de uma simples deslocação geográfica. Os americanos do norte, e pode-se dizer, que toda a raça anglo-saxônica, compreendem isto a tal ponto, que deslocando-se incessantemente, não só vão enriquecendo, mas dominando o mundo.⁵¹

Então, para Benignus, o clima, e mais ainda o hábito e o exemplo, determinam o temperamento de uma raça. A fortuna de um indivíduo depende a maior parte das vezes de uma simples deslocação geográfica. Ele considera que a raça branca norte-americana e anglo-saxônica é que soube melhor tirar proveito desse conhecimento e por isso é superior a todas as outras. Mas tal interpretação abre possibilidades para que raças consideradas inferiores progridam, caso possam ser sujeitas a uma simples “deslocação geográfica” ou expostas a novos exemplos e hábitos. Essa perspectiva parece subjacente à própria expedição quando, sob o ponto de vista do autor, se dá o resgate do missionário William River, sequestrado por índios da tribo dos Carajás. Zaluar vai ressaltar nesse processo o caráter tutorial do homem branco de ciência para a elevação espiritual e material de raças humanas inferiores, como as indígenas, ainda não tocadas pelo progresso e pela civilização.

A expedição e a origem do homem no Brasil

A expedição de Benignus cobre mais de três mil quilômetros, incluindo ida e volta. Além de Benignus fazem parte dela: Katini, M. de Fronville e James River. Katini será o cozinheiro da empreitada, “filho da república peruana (...) baixo e reforçado (...) quarenta e oito a cinquenta anos de idade, (...) feio como um botocudo e bom como as naturezas ingênuas”.⁵² Não se pode ignorar que o juízo de valor implícito na descrição de Katini tem um travo de raça, na identificação de certa selvageria com a feiura e ao mesmo tempo com a bondade dos ingênuos. Além de cozinheiro, Katini conhece razoavelmente bem a fauna brasileira, pois foi “empregado em casa de um empalhador de pássaros e colecionador de insetos”.⁵³ M. de Fronville, parisiense, trinta e seis anos, consagrava-se ao estudo das ciências naturais e físicas, tomando conhecimento dos preparativos da expedição do Dr. Benignus, procura-o, no intuito de oferecer seus conhecimentos para a viagem científica. Um brasileiro, um peruano, um francês, um inglês (o filho do missionário desaparecido), a expedição de Benignus é um empreendimento internacional. Ela vai adentrar as matas de Minas Gerais e de Goiás em busca de seus vários objetivos: conhecer melhor as estrelas, encontrar vida elevada, revelar e estudar a fauna, a flora e a geografia brasileiras, descobrir as origens do homem, resgatar William River e civilizar os povos indígenas.

O estudo das origens e do desenvolvimento do homem sempre foi e será calcado na descoberta e interpretação de fósseis e de artefatos humanos. Tal investigação também conta com a comparação entre a anatomia, comportamento e desenvolvimento (embriogênese) de grupos animais distintos. Darwin instituiu uma forma de ver as espécies relacionando-as genealogicamente por vínculos de parentesco, o que permite dizer que a espécie humana é mais próxima das espécies de grandes primatas (chimpanzés e gorilas) do que de quaisquer outras espécies. Concepções como essa parecem salientes em *O Doutor Benignus*. Assim ocorre quando o *double* de cozinheiro e ajudante científico Katini captura um primata e rejeita seu aproveitamento como comida:

- *Agora, veja que guardei para o fim o melhor, acrescentou Katini. Sabe que bicho é este?*
- *É um macaco. Um pequeno orangotango, respondeu M. de Fronville.*
- *Exatamente, acudiu Katini. Mas este não vai ao caldeirão nem à caçarola, e já dei ordem para que nunca mais me matem destes animais.*
- *Estou curioso de saber que motivo te leva a poupar o macaco no desempenho de teus exercícios culinários? Perguntou o moço naturalista.*
- *O medo de ser antropófago, acudiu Katini, devorando sem respeito a carne provavelmente de algum de meus antepassados... em linha transversal!*⁵⁴

Incidentalmente, nas matas de Minas e de Goiás não existem, nunca existiram, orangotangos, como não poderiam existir gorilas e chimpanzés. Mas o que nos importa aqui é que Katini parece reconhecer, como seu amo, que a espécie humana é fruto de um processo de transformação no qual todas as espécies possuem uma relação de parentesco: nosso parentesco com primatas é tão recente que devorá-los é um ato de canibalismo praticado por uma raça bárbara.

Em *O Doutor Benignus* o homem é visto como um degrau superior aos grandes primatas, mas inferior em relação às criaturas luminosas com que Benignus acaba por fazer contato em sonhos, no capítulo XXI, “Habitante imaginário do espaço planetário”. Nessa experiência onírica Benignus ouve de uma criatura estelar que a humanidade “ainda está atrasada” e que os meios eficazes de elevar o homem ao aperfeiçoamento espiritual “consiste na fecunda missão que te encarregaste, isto é, vulgarizar os resultados da ciência e fazer subir por esse meio o nível intelectual do povo”.⁵⁵ Mas lembremos que o objetivo da expedição do doutor sempre foi, desde o início, científico e humanitário, com o que o personagem onírico apenas ratifica o que já era um propósito do caricato cientista.

Nas últimas décadas do século XIX, vulgarizar os resultados da ciência significava, entre outras coisas, dar a ver a teoria ou as teorias que a ciência produziu para explicar a origem e o desenvolvimento da espécie humana.

No decorrer da expedição do Dr. Benignus é encontrado um crânio humano e as especulações que os personagens tecem em torno dele fazem transparecer o tipo de evolucionismo humano que está em jogo:

– *É um crânio que, pelos seus caracteres, pertence inteiramente ao tipo da raça americana. Vê esse frontal deprimido e formando um quase ângulo recto com as órbitas? Isto não pode ser o resultado de uma pressão exercida sobre a cabeça, mas sim um característico osteológico da raça! Este crânio vale um milhão!*

– *Não há dúvida que pertence esta caveira, perfeitamente conservada pelo tempo, ao tipo primitivo da raça americana. Os ossos estão calcinados e com todos os sinais de uma incontestável antiguidade. Este crânio é, por conseguinte, um dos mais importantes documentos das idades pré-históricas, que a Providência colocou em nossas mãos, a fim de concorrermos por nossa parte também para a solução do grande problema da remota existência do homem em nosso planeta*

– *Acrescente-se a isto, observou M. de Fronville, que ao lado deste crânio e na mesma camada geológica encontrei os instrumentos que indicam ser de pedra lascada e os fósseis de animais inteiramente extintos.*⁵⁶

Aqui, Benignus se apoia abertamente na ideia do naturalista dinamarquês Peter Lund (1801-1880), que julgou ter descoberto que o continente brasileiro é o mais antigo de todos. Consequentemente a espécie humana teria surgido no interior do Brasil, mais especificamente, em Lagoa Santa, Minas Gerais, representada pelas populações indígenas que ali estavam à época do descobrimento, e que ali viviam desde a época em que a fauna brasileira era habitada por uma fauna gigante extinta.⁵⁷ A primeira referência aos achados de Lund aparecem antes da expedição de Benignus encontrar os supostos fósseis humanos, como que preparando o terreno para a descoberta que iriam realizar:

O nome do Dr. Lund é desde muito tempo conhecido e respeitado entre os homens de ciência de todos os países, e causa realmente estranheza como ainda não se acham traduzidas na língua pátria as obras do eminente sábio, em cujas profundas investigações se acham preciosos documentos para os estudos da remota antiguidade do continente americano. (p 161)

*[...] Termina por fim o infatigável naturalista [Lund], depois de um estudo sobre a unidade ou diversidade das raças e de profundas observações sobre a configuração geológica desta parte do continente americano, em toda a grande chapada, desde a serra do Mar até as cordilheiras dos Andes, abrangendo as cabeceiras dos maiores rios do mundo, provando que esta imensa região já se achava elevada acima do mar “ou que já existia como um continente extenso a parte central do Brasil, quando as mais partes do mundo estavam ainda submergidas no seio do oceano universal, ou surgiam apenas como ilhas insignificantes, tocando assim ao Brasil o título de ser o mais antigo continente do nosso planeta”.*⁵⁸

É importante assinalar que os supostos fósseis humanos de Lund eram de fato humanos, mas não tinham a antiguidade presumida. Os primeiros fósseis humanos somente foram encontrados em 1848 e depois em 1857, e ambos eram do *Homo neanderthalensis*. Mas no romance, Benignus segue o discurso de Lund para afirmar a antiguidade do homem no território brasileiro:

A existência do homem nesse continente [o americano] remonta-se aos tempos anteriores à época em que existiam as últimas raças dos animais gigantes, isto é, às idades pré-históricas.

*Conclui daqui que a América já era habitada “em tempos em que os primeiros raios da história não tinham apontado no horizonte do velho mundo”, e que os povos que nessa remotíssima época habitavam nela eram da mesma raça que os que no tempo do descobrimento aí viviam.*⁵⁹

Em uma Carta Escrita de 1844, continuação de outra de 1842, ambas publicadas na Revista do IHGB, Lund acredita ter encontrado fósseis do homem primitivo junto a fósseis de animais gigantes. A semelhança entre

fósseis humanos e as ossadas dos homens da “época do descobrimento” mostrariam que estes viveram entre aqueles gigantes, e portanto, são tão antigos quanto aqueles, embora tenham sobrevivido às causas que eliminaram as feras gigantes.⁶⁰

Mas, além da questão da origem do homem, sua diversidade, expressa nas diferentes raças que habitam o planeta, também são tematizadas no romance. Como todos os outros temas, a questão racial se coloca de forma conflituosa a princípio, pois William River havia sido capturado pela tribo selvagem dos Carajás. Mas o desfecho do sequestro adquire tonalidades altivas e altruístas. Assim como os outros temas, o problema das raças não está intimamente amalgamado na forma da narrativa, mas aparece tematizado vez por outra, embora o fim do romance indique claramente a preocupação civilizatória da filosofia de Benignus. A nosso ver, um dos traços mais marcantes da narrativa é que, embora de certa forma ela se destine a resgatar o missionário William River das mãos de selvagens indígenas, em nenhum momento pode-se sentir de fato o drama que seria tal empreitada. Ao contrário, a expedição é recheada de circunstâncias que contradizem a tensão que é suportar um drama. Obviamente, a crônica pedagógica de Zaluar não quer repetir fórmulas românticas e adere a uma ciência deslumbrada com a variedade natural. Ao mesmo tempo, a própria natureza literária da crônica ou digressão humorística não se presta a manter a tensão exigida por um drama. Considere ainda o fato de que o romance foi publicado originalmente em capítulos ao longo de várias semanas. Naturalmente, o leitor que por ventura o tenha acompanhado estaria talvez menos instigado a esperar que o resgate do missionário fosse malsucedido, que ter a expectativa de que o sequestro terminasse de forma a engrandecer a expedição de Benignus e a ciência brasileira. De qualquer forma, enfatizo que nesse romance não há exatamente *um* fio condutor, embora meu argumento sustente que o problema da origem do homem e das raças seja um dos temas mais recorrentes. Assim, a certa altura, Katini apresenta-se diante de seu amo e diz ao Dr. Benignus com ar de cômica importância:

- *Sabe meu amo, que resolvi talvez esta tarde um problema que os seus amigos Darwin, Huxley ou Carlos Vogt em que tanto nos tem falado, não serão capazes de explicar em toda a vida de maneira satisfatória?*
- *A evolução das espécies?*
- *Da espécie humana. Descobri nada mais, nada menos, que esse misterioso indivíduo que marca a perfeita transição entre o gorila e o homem!*
- *Essa descoberta, interrompeu o sábio rindo, vai dar-te num lugar eminente entre os apóstolos da ciência antropológica.*
- *Mas como não sou egoísta, tornou o cozinheiro, quero partilhar esta invejável glória com meu amo e seus amigos. Não há dúvida, encontrei uma amostra, um exemplar precioso deste tipo, até hoje problemático.*
- *Mas onde achaste esse ente maravilhoso?*
- *Aqui perto, pescando à margem de uma lagoa.*
- *Descreve-nos a forma que tinha.*
- *A forma era pouco mais ou menos a de um macaco sem cauda.*
- *Em seu verdadeiro estado primitivo?*
- *Pior do que isso, meu amo. Tinha na cabeça um cocar de penas velhas; nos beiços e nas orelhas uns pingentes disformes, e por única vestimenta uma curta blusa de pano azul desbotado, com botões à militar, e o resto do corpo inteiramente descoberto.*
- *Por que não trouxeste à minha presença essa preciosidade do reino animal?*
- *Porque eu, que não sou capaz de atentar contra a vida de um bugio, menos o serei de atentar contra a liberdade de um tão próximo parente da humanidade.⁶¹*

A perfeita transição entre o gorila e o homem teria sido encontrada no território brasileiro, permitindo a Katini resolver o problema das nossas origens. No tempo em que Zaluar publicou o romance, ninguém com um mínimo de conhecimento (leitura) sobre o problema das origens do homem acreditaria que nossa espécie teria se originado na

América. O debate se concentrava entre a África e a Ásia. Darwin, ao contrário de boa parte dos cientistas que se debruçavam sobre o assunto, acreditava que o homem teria surgido na África.⁶² Risivelmente, o suposto elo perdido descoberto por Katini não satisfaz a Benignus, que reconhece nos espécimes encontrados apenas membros de populações indígenas dispersas sobre o vasto território nacional:

Verificando no dia seguinte a descoberta científica de Katini, tão favorável à teoria evolucionista de Darwin, o Dr. Benignus e seus amigos encontraram-se em face apenas de um selvagem da tribo dos gradaús, tão frequentes nas regiões desertas do Araguaia, pois esta nação é uma das mais importantes que ali habitam, levando a crer que são eles os caiapós, gorotirés, e talvez os próprios coroados, visto que falam uma língua, senão idêntica, pelo menos tão próxima como o português o é do espanhol.

O índio encontrado pelo original despenseiro exprimia-se na língua tupi, parecia ser de pura raça indígena, e era oriundo, segundo ele disse, da ilha do Bananal, onde existem algumas de sua aldeias.

Se bem que este encontro natural não pudesse fornecer dado algum positivo para a solução do problema da unidade das espécies, é certo todavia que a ideia do peruviano [Katini] impressionou vivamente o espírito do sábio viajante.

No entanto bem sabia este que se em alguma parte da terra existe o tipo que marca a transição dos animais inferiores para o homem, não é, sem dúvida alguma, entre os aborígenes que povoam as matas de Goiás, pois além de pertencerem estes ao período em que já eram conhecidas as artes cerâmicas, são eles relativamente perfeitos em suas formas físicas podendo até dizer-se que são belos e ferozes canoieiros, distinguindo-se sobretudo por sua independência e por sua audácia...⁶³

Há várias referências explícitas à diversidade racial em *O Doutor Benignus*. O romance de Zaluar parece ser a certo momento uma tentativa de transição, literariamente malsucedida, entre o romantismo indianista e o naturalismo científico. Assim, o romance de Zaluar não se caracteriza por ser uma aventura verdadeiramente heroica, muito menos motivada pelo amor de uma mulher, nem possui ainda aquela obsessão pelo detalhe descritivo, desprovido de idealizações platônicas, que será típico de um Aluísio Azevedo, por exemplo.

73

No romance, o índio oriundo da ilha do Bananal não é para Benignus, ao contrário dos fósseis encontrados em Lagoa Santa, prova da antiguidade do homem. O doutor desmente com base em seu conhecimento antropológico que o "selvagem" encontrado por Katini fosse o perfeito elo entre os macacos e o homem. Ele se apoia na evidência antropológica que são as artes cerâmicas. A essa altura, bem que Benignus gostaria de aprofundar seu conhecimento sobre as origens brasileiras do *Homo sapiens*, mas esse objetivo é posto aqui em segundo plano, em relação ao resgate do missionário inglês:

Quisera o Dr. Benignus estudar por esta ocasião o verdadeiro lugar que compete ao homem selvagem americano na série desigual da família humana sobre o nosso planeta e assim resolver importantes problemas psicológicos e fisiológicos em relação à doutrina transformista, que tanto terreno vai ganhando entre os primeiros naturalistas contemporâneos, mas a ansiedade de Jaime River, impaciente por saber do destino e empregar os meios de libertar seu pai [William River], pôde mais no ânimo do chefe da expedição, que os próprios interesses da ciência que se via pelo menos temporariamente obrigado a adiar.⁶⁴

A nosso ver, o resgate do missionário William River representa o encontro entre o homem branco e os selvagens de "raça inferior". O episódio do resgate é completamente rocambolesco, com a chegada em meio a uma tempestade de um balão aerostático ideado e pilotado por um engenheiro americano, amigo do doutor Benignus, com quem ele havia se correspondido muito antes do início da expedição. O contato entre o selvagem e o civilizado tem um desfecho conhecido e esperado para os padrões da época, com os indígenas sendo domesticados pelos civilizados. Benignus descobre que os selvagens não são destituídos de inteligência e coragem, pois o chefe dos Carajás assim se pronuncia sobre o sequestro do missionário:

– O branco não está cativo, tornou Koinaman [capitão da tribo dos Carajás]. Os selvagens neste ponto são mais generosos que os homens civilizados. Os da tua nação matam os nossos irmãos ou ainda hoje fazem deles escravos; eu, porém, guardo o meu prisioneiro como um amigo e sou o primeiro a reconhecer a sua superioridade sobre nós.⁶⁵

Há aqui ecos do I-Juca-Pirama de Gonçalves Dias, o selvagem constituído de uma civilidade que os próprios civilizados não possuem. Uma lealdade para com o princípio geral da generosidade, que permite entender que os índios não estão irreversivelmente degenerados pelo clima, pela simples geografia que não os estimula. Eles são dotados daquela fibra que apenas precisa ser posta nos eixos pela filosofia da ciência e do progresso. Além disso, Koinaman reconhece a superioridade do homem branco, repetindo um discurso evolucionista que lembra muito mais o recapitulacionismo de Haeckel do que o selecionismo de Darwin. Para Haeckel, assim como o desenvolvimento de um embrião recapitula ou resume a evolução das espécies, as raças inferiores seriam etapas ainda não completamente desenvolvidas da raça madura, representada principalmente pelos europeus do norte. Nos textos de Darwin, embora se possa até encontrar a ideia de espécies e atributos superiores, uma espécie, qualquer espécie, não é uma etapa ou degrau em uma única linhagem de um processo de descendência. Em Darwin encontra-se um processo de ramificação das espécies a partir do mecanismo da seleção natural, que implica e exige variações aleatórias herdáveis entre indivíduos de uma mesma espécie. No livro de Zaluar, é claro o otimismo extremo de que a ciência vai dominar todos os monstros. Lembremos que em parte a expedição é idealizada por que Benignus prefere viver longe dos homens.

O fim de sua jornada não se encerra com o resgate de William River. As intenções de Benignus e do grupo expedicionário em relação à ilha do Bananal, onde se encontrava a tribo dos Carajás, são descritas. O romance termina com as projeções civilizatórias e científicas do cientista e seus amigos. Elas resumem bem o projeto tutorial da ciência de Benignus:

Não pensem porém os leitores que o Dr. Benignus e seus amigos se entregavam às delícias de Cápuá, uma vez instalados no morro do Condor.

O sábio colige suas notas e propõe-se a escrever um livro importante acerca da habitabilidade dos mundos, e particularmente o Sol, objeto constante de seus infatigáveis estudos astronômicos...

M.de Fronville, além da redação de suas notas de viajante naturalista na América do Sul, foi encarregado pelo Dr. Benignus e James Wathon de redigir os estatutos para a futura colônia agrícola na ilha dos Carajás [Bananal].

A ideia desta humana e civilizadora empresa, era finalmente o resultado prático da longa romaria que, através dos desertos de duas províncias interiores do Brasil [MG e GO], haviam empreendido e levado a termos o Dr. Benignus e seus companheiros.

William River consagra todos os seus momentos disponíveis a uma memória sobre os usos e costumes indígenas oriundos das matas de Goiás, que teve tempo de sobra de estudar a fundo, durante os meses que residiu no meio deles, e espera que seu trabalho seja muito bem acolhido pela Sociedade Geográfica de Londres e congresso internacional de antropologia.

Jaime River e os filhos do Dr. Benignus preparam-se com estudos racionais e práticos para serem um dia grandes proprietários agrícolas na colônia da ilha de Santana, sonho dourado do sábio Benignus e seus amigos, pois querem fazer representar ali todas as nações principais, atraindo à civilização pela santa comunhão do trabalho, as raças ainda mergulhadas na indolência e no barbarismo.⁶⁶

A natureza do homem é maleável e a ciência pode trazer o progresso e a civilização para aqueles povos e raças ainda vivendo em estado selvagem. Se não se pode ou deve deslocar os índios trata-se de levar a melhoria física e moral até eles. Haveria muito que acrescentar sobre como esse pobre romance de certa forma reflete, embora de maneira bastante acrítica, os sonhos de uma geração de escritores e políticos, que viam na ciência, e particularmente na ideia de evolução, uma possibilidade para o futuro de um país continental, que mal se conhecia a si próprio. Até que ponto essas concepções têm relação com as ideias centrais de Darwin é uma questão que pode merecer muito aprofundamento.

Além disso, como esse romance foi lido pelo leitor das últimas décadas do século XIX? Quem decidiu que o romance seria publicado? Sua leitura trouxe alguma repercussão? Este trabalho pretendeu ser uma primeira aproximação a esse objeto histórico, o romance em estudo, que pode contribuir para entender como personagens das últimas décadas do século XIX integravam teorias evolucionistas em seus discursos. Para além de todas as dúvidas sobre a apreensão do sistema científico de Darwin por Zaluar no romance, pela primeira vez um escritor, por merecido que seja o seu esquecimento dos compêndios de história da literatura, escreveu afirmativamente sobre a teoria da evolução. Embora lado a lado de doutrinas abertamente religiosas, essa exposição certamente contribuiu para propagar a ideia de que a espécie humana era o resultado de um processo natural de transformação das espécies. A literatura, como se sabe, não precisa ter nenhum compromisso com a realidade, nenhum compromisso com os referentes que o autor vai buscar no mundo para compor sua narrativa. De qualquer modo, a escolha de temas e maneiras de apresentá-los, em detrimento de outros temas ou formas, contribui para podermos compreender como uma ideia era usada para determinados fins.

O evolucionismo como parte de um discurso progressista que enaltece a ciência é elemento reconhecido pela historiografia da literatura nas obras elaboradas no período em que Zaluar publicou seu livro. Que o evolucionismo também servisse de base para afirmar a superioridade da raça branca e sua posição de tutora das outras raças também não foi uma novidade de *O Doutor Benignus*. A pergunta pela natureza do homem tampouco constituiu uma surpresa. Mas *O Doutor Benignus* merece ser lido, talvez, pela janela que nos abre sobre como se usou o discurso evolucionista no Brasil. Afinal, pela primeira vez o nome de Darwin e sua teoria são aqui usados, em um texto literário no Brasil, para sugerir o projeto civilizatório que iria nos alçar ao caminho trilhado pelas grandes nações na visão de Emílio Zaluar.

Notas e referências bibliográficas

75

Ricardo Waizbort é doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), do Laboratório de Avaliação em Ensino e Filosofia das Biociências. O presente trabalho faz parte do projeto intitulado “Dois médicos, dois escritores: os usos do darwinismo no Brasil (1875-1890)” e foi realizado com os recursos do Apoio a Projetos de Pesquisa/Encomendas Papes/Fiocruz – Papes V (APQ)/CNPq, sob o número de processo 403537/2008-8. E-mail: ricw@ioc.fiocruz.br. Gostaria de agradecer aos pareceristas do presente trabalho, pelos comentários críticos que contribuíram para o aperfeiçoamento do texto, e à Claudia Kamel pelo resumo em inglês.

- 1 COLLICCHIO, Terezinha A. F. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- 2 ALMEIDA, Ronnie Jorge Tavares. *Religião, ciência, darwinismo e materialismo na Bahia imperial: Domingos Guedes Cabral e a recusa da tese inaugural “Funções do Cerebro (1875)”*. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- 3 ZALUAR, Augusto Emílio. *O Doutor Benignus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- 4 SMANIOTTO, Edgar Indalecio. *A fantástica viagem imaginária de Augusto Emílio Zaluar: ensaio sobre a representação do outro na antropologia e na ficção científica brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Corifeu, 2007a.
- 5 ALONSO, Ângela M. *Ideias em movimento: a geração de 70 na crise do Brasil Império*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 41.
- 6 Idem, p. 176.
- 7 CID, Maria Rosa. *O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2004.
- 8 ZALUAR, op. cit., p. 1.
- 9 HULL, David. Darwinism as a historical entity: a historiographic proposal. In: KOHN, D. *The Darwinian heritage*. 1. ed. Princeton: Princeton University Press, 1985. p. 773-811.
- 10 DARWIN, Charles Robert. *A origem das espécies*. Tradução de Eugenio Amado. São Paulo: Itatiaia, 1985.
- 11 CID, op. cit., 2004; PEREIRA FILHO, Roberto Sobreira. *As funções de funções do cérebro (1876): um estudo do evolucionismo de Domingos Guedes Cabral (1852-1883)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2008.
- 12 HAECKEL, Ernst. *A história da criação natural*. Tradução de Eduardo Pimenta. Porto: Lelo & Irmão Editores, 1961.
- 13 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- 14 ZALUAR, op. cit., p. 27.
- 15 Ibid.
- 16 BOSI, op. cit., 1995; CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2 v. 7. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1993; MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1979.
- 17 CARVALHO, José Murilo de. Benigna ciência. In: ZALUAR, A. E. *O Doutor Benignus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p. 8.